

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT08.012

EMPODERAMENTO FEMININO ATRAVÉS DA LITERATURA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA IGUALDADE DE GÊNERO

KALINA FERNANDA CAVALCANTI FERREIRA

Graduada em Licenciatura em Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-IFPB; Mestre em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, kalinafcf@gmail.com;

PAULA DANIELE TORRES DE CASTRO MATOS

Graduada em Licenciatura em Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-IFPB; Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru-FAFICA, paulamatos.editora@hotmail.com;

RESUMO

Embora as mulheres tenham adquirido mais direitos nas últimas décadas, ainda há muito a ser feito para garantir oportunidades e direitos iguais aos dos homens. A escola, em especial, o ensino de literatura, pode ajudar a abordar sobre o papel feminino na sociedade. A literatura é uma ferramenta importante para formar leitores críticos e reflexivos e pode promover narrativas emancipatórias, antissexistas e antirracistas. A literatura pode, portanto, promover a igualdade de gênero, desconstruindo estereótipos de gênero preestabelecidos na sociedade. Neste contexto, este artigo tem como objetivo principal apresentar uma proposta didática para promover o empoderamento feminino através da literatura. A pesquisa é bibliográfica e inclui autores como Zilberman (2009), Barbosa (2011), Hooks (2018), Cosson (2007), Candido (2006), entre outros. A proposta didática apresenta uma sequência didática, na qual são inseridos textos literários que abordam a representatividade feminina. São utilizadas abordagens metodológicas e literárias para fomentar a relação entre literatura e leitor, destacando a temática do empoderamento feminino para a formação do leitor literário. A proposta visa fomentar estratégias metodológicas para que os docentes possam ser subsidiados na abordagem do feminino em sala de aula, fazendo com que alunos e alunas percebam que as mulheres têm um papel fundamental na sociedade e na construção da história. Esta

pesquisa é relevante e necessária para o contexto educacional brasileiro, pois contribui para a formação de leitores críticos e reflexivos, capazes de compreender e interpretar textos literários de forma mais ampla e profunda. Ao mesmo tempo, promova uma conscientização sobre questões de gênero e empoderamento feminino.

Palavras-chave: Literatura, leitor literário, empoderamento feminino, igualdade de gênero.

1 INTRODUÇÃO

A literatura, como uma expressão intrínseca da cultura, desempenha um papel vital na construção das identidades individuais e coletivas e para a formação do pensamento crítico do sujeito. “Neste sentido, assim como as diferentes produções científicas, a literatura tem muito a nos dizer sobre a realidade em que vivemos” (BARCELOS e SCHULZE, 2002, p. 259).

Neste contexto, o letramento literário surge como uma ferramenta fundamental para formação do leitor crítico-reflexivo e, por conseguinte, para promover a compreensão e a avaliação da diversidade de vozes literárias e, mais especificamente, para explorar a construção da identidade feminina na literatura e seu impacto no empoderamento feminino. A literatura, muitas vezes, tem sido tanto um reflexo quanto um agente de transformação das normas de gênero, e, como tal, desempenha um papel importante no empoderamento das mulheres.

O letramento literário na educação, não se limita a decodificar textos, mas também engloba a compreensão das complexidades culturais, sociais e emocionais que permeiam as obras literárias. Ao introduzir os alunos no vasto universo da literatura, eles têm a oportunidade de explorar perspectivas diversas e, ao mesmo tempo, desenvolver seu pensamento crítico.

Esse processo torna-se ainda mais significativo quando aplicado à análise da construção da identidade feminina na literatura, um tema que tem evoluído ao longo dos séculos e reflete as mudanças na percepção das mulheres na sociedade. Afinal de contas, como bem afirma Cosson (2009, p.17): “A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. Além disso, a literatura “é mais que conhecimento reelaborado ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade” (COSSON, 2009, p.17)

Neste contexto, este estudo tem como objetivo principal apresentar uma proposta didática para promover o empoderamento feminino através da literatura. A análise se concentrará em como as representações femininas na literatura, desde as protagonistas fortes e independentes até as figuras marginalizadas e oprimidas, coletadas para uma compreensão mais profunda da experiência feminina.

2 METODOLOGIA

Este estudo se configura como uma pesquisa bibliográfica, discutindo através de diferentes teóricos, as relações entre o letramento literário, a construção da identidade feminina na literatura e as estratégias didáticas no contexto educacional. A pesquisa bibliográfica permitirá uma análise abrangente das teorias, conceitos e descobertas relacionadas ao letramento literário, à construção da identidade feminina na literatura e às estratégias didáticas.

Para discussão sobre letramento literário e a formação do pensamento crítico dos alunos, foram utilizados os autores Zilberman (2009), Barbosa (2011), Cosson (2009), etc. Sobre a construção da identidade feminina na literatura e o empoderamento feminino foram utilizados os autores Hooks (2018), Brah (2006), Alves (2010), entre outros.

A proposta didática será uma sequência didática (SD) utilizando de textos literários de autorias femininas e também o auxílio de gêneros textuais na construção da SD. Segundo Zabala (1998, p.18) sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido tanto pelos professores como pelos alunos”. A SD apresentada neste estudo visa contribuir para uma compreensão mais profunda das interações entre o letramento literário, o feminino na literatura e as práticas pedagógicas.

3.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO DOS ALUNOS

Observa-se cada dia mais, a importância da leitura na sociedade atual; precisando de indivíduos com capacidade cognitiva de leitura, escrita e interpretação dos mais variados textos. Segundo Zilberman (2009, p.27): “[...] seja no âmbito coletivo, seja no plano individual, a conquista da habilidade de ler é simultaneamente o primeiro passo na direção da liberdade, de uma parte e de outra, para a assimilação dos valores da sociedade”.

Entra em cena, a importância do letramento literário tendo em vista ser esse, um processo que faz parte da prática social, sendo necessário que a sociedade

oportunize aos indivíduos tanto esse letramento como outros tipos de letramentos. Logo, se faz necessário que a sociedade perceba a importância da literatura e promova momentos de leitura que aproxime o indivíduo ao texto literário, proporcionando o prazer pela leitura e a formação de um sujeito crítico-reflexivo, contribuindo assim para o letramento literário.

Sobre o letramento literário Barbosa (2011, p. 148) afirma que é “a condição daquele que não apenas é capaz de ler e compreender gêneros literários, mas aprendeu a gostar de ler literatura e o faz por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético.

O letramento literário desenvolve o prazer, a fruição, a compreensão do texto literário, formando a criticidade do leitor e auxiliando no desenvolvimento do sujeito; conseqüentemente, através do letramento literário o sujeito consegue estabelecer diálogos do texto literário com sua cultura e seu cotidiano, pois esse letramento “não se trata somente do saber manusear textos literários, mas sim, de promover a experiência, dando sentido ao mundo em sua volta por meio de palavras que explicam palavras, ultrapassando os limites de tempo e espaço” (SILVA et al. 2019, p.3).

Neste contexto, a leitura literária tem um papel singular para a formação do aluno-leitor. No entanto, ainda percebe-se em muitas escolas Brasil afora, um déficit no que se refere à promoção do letramento literário. Muitas vezes este tipo de leitura é visto pelos discentes apenas como uma obrigação a ser cumprida para adquirir uma nota; contudo, o que deve ocorrer é a promoção da leitura por prazer, e conseqüentemente para humanização dos indivíduos, tornando-os cidadãos conscientes.

De acordo com Cosson (2009):

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2009, p. 23).

Logo, se faz importante o letramento literário em todas as etapas de ensino básico, visto que, a literatura sensibiliza, humaniza e, por conseguinte, forma a consciência crítica no leitor. “É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores,

sabores e formas imensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas” (COSSON, 2009, p.17).

Percebendo a importância e contribuição da literatura para formação do cidadão e para sua humanização, é preciso que sejam realizadas práticas pedagógicas que fomentem o letramento literário, propiciando um leitor que além de ter prazer na leitura, possa ver a real significância da literatura para sua vida. Desse modo, o aluno adquirirá o hábito de ler e ganhará experiências e vivências para partilhar com a comunidade onde está inserido.

Neste contexto, sabendo do poder que a literatura tem de humanizar o indivíduo, ela pode ser uma instrumento para a abordagem de temas urgentes na sociedade, entre eles, as questões de gênero. Assim sendo, além do prazer que a literatura proporciona ao leitor, ela pode ser uma aliada para a discussão do feminino, permitindo ampliar as discussões de gênero e promover o empoderamento e igualdade de gênero, tendo em vista que, a literatura na formação de crianças e adolescentes na educação básica, “é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas” [...] (HOOKS, 2019, p. 46)

Portanto, a escolha de obras literárias que abordam questões contemporâneas relacionadas aos direitos e desafios enfrentados pelas mulheres se torna crucial. Através da leitura dessas obras, os alunos e as alunas não apenas ampliarão seus horizontes literários, mas também serão instigados a uma reflexão sobre a posição da mulher na sociedade. Logo, autoras/autores que exploram temas como feminismo, igualdade de oportunidades e luta contra estereótipos de gênero podem desempenhar um papel fundamental nesse processo. Além disso, a literatura não é apenas uma ferramenta para o desenvolvimento pessoal, mas também um meio de promover a compreensão das diversas formas de ser e viver e é uma forma de promover a criticidade do aluno-leitor.

De acordo com Grossel e Souza (2022):

Sabendo disso, é necessária a adoção de metodologias significativas e contribuintes com essa visão libertadora e crítica do processo educativo. Em específico nas aulas de Língua Portuguesa, pode-se utilizar um introdutório literário às abordagens sociais realizadas. Além do incentivo da leitura de literatura, essa ferramenta, se bem selecionada, é capaz de proporcionar o entendimento e uma reflexão consistente e necessária acerca da sociedade e suas mazelas, quando trabalhada de forma coletiva e crítica (GROSSEL e SOUZA, 2022, p.408-409).

Portanto, ao adotar uma abordagem de letramento literário que incorpora discussões de gênero, a educação não só enriquece o repertório cultural dos discentes, mas também os capacita a se tornarem cidadãos críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais equitativa e justa. Essa jornada literária transcende a sala de aula, impactando não apenas o indivíduo, mas também a comunidade em que ele está inserido, promovendo um ambiente mais inclusivo e respeitoso para todos.

3.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA LITERATURA E O EMPODERAMENTO FEMININO

O feminino e masculino são construções históricas e culturais muito ligadas aos estereótipos. Logo, as percepções de feminino e masculino que permeiam a sociedade ainda está muito atrelada à questão binária, isto é, as “coisas que são de homens e coisas que são de mulheres”.

A distinção dos sexos foi por muito tempo atrelada ao determinismo biológico, como se mulheres e homens já tivessem nascido predestinado com as funções específicas para cada um, isto é, a mulher era considerada o “sexo frágil”, sensível, submissa ao homem; e o homem, por sua vez, era o “sexo forte”, o provedor da casa e que podia trabalhar fora de casa, enquanto a mulher tinha “nascido para procriar, ser dona do lar, cuidar da casa, do marido e dos filhos” e não podiam trabalhar fora de casa e muito menos em “trabalhos ditos masculinos”.

O termo gênero irá aparecer no século XX, principalmente no pós-guerra (2ª Guerra Mundial) através do movimento feminista, o qual lutava por igualdade/ equidade entre mulheres e homens. As mulheres não aceitavam a imposição da sociedade que afirmava que as mulheres eram consideradas “sexo frágil”; sendo assim, as mesmas eram contra o determinismo biológico.

Segundo Brah (2006):

A força por trás da teoria e da prática feminista no período do pós-guerra tem sido seu compromisso de erradicar desigualdades derivadas da noção de diferença sexual inerente a teorias biologicamente deterministas, que explicam a posição social das mulheres como resultado de diferenças inatas. (...) As feministas, é claro, não ignoram a biologia das mulheres, mas questionam ideologias que constroem e representam a subordinação das mulheres como resultado de suas capacidades biológicas (BRAH, 2006, p. 342).

Na década de 1980, os movimentos feministas começaram a utilizar o termo gênero em detrimento do termo “sexo biológico”, “reforçando a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres não dependiam do sexo biológico, e sim dos fatores culturais nos quais as pessoas estavam inseridas” (SPIZZIRRI, PEREIRA e ABDON, 2014, p.43).

Percebe-se que as funções do feminino e masculino são construções socio-culturais, carregadas por ideais políticos, morais, religiosos, sociais e culturais da sociedade a qual está inserida. Pode-se citar por exemplo a distinção do papel da mulher aqui no Brasil e no mundo árabe e/ou islâmico, nas quais “as relações entre o sexo feminino e masculino é distinta, ou seja, gênero está relacionado às relações culturais e sociais de cada sociedade” (SILVA, 2018, p.225).

Nota-se, portanto, que os preconceitos contra a mulher e as questões binárias ainda são bastante presentes em muitas sociedades pelo mundo afora e apesar dos avanços no que se refere às conquistas femininas no Brasil, ainda é presente na sociedade brasileira as desigualdades de gênero. Logo, necessita-se que todas as instâncias da sociedade busquem formas de promover a igualdade/equidade de gênero.

Na atualidade, as questões de gênero tomaram um novo patamar e estão relacionados a diversidade de gêneros existentes, isto é, ela vai além da binária homem e mulher, existindo novas identidades de gêneros (mulher ou homem cisgênero, mulher ou homem transgênero, gênero não-binário, agênero, etc) que pode estar relacionado ou não ao sexo biológico. Assim, as minorias e muitos âmbitos sociais vêm buscando o respeito, representatividade e igualdade/equidade para essa diversidade de gênero existente.

Percebe-se a importância intrínseca da discussão sobre a diversidade de gênero, no entanto, nesta pesquisa, buscaremos uma abordagem mais específica, concentrando nossas discussões no gênero feminino, explorando suas conquistas e desafios cotidianos. A diversidade de gênero na literatura e na educação, embora de extrema relevância, permanecerá como um tema a ser desbravado em futuras pesquisas. É nosso propósito aqui aprofundar a compreensão do papel da mulher na Literatura, destacando como essa expressão artística pode ser uma aliada poderosa na representação feminina e no fomento da igualdade de gênero.

Observa-se que, apesar dos obstáculos persistentes, a mulher tem conseguido marcar presença em diversas esferas sociais, com a Literatura, destacando-se como uma arena de particular importância. A produção de autoria feminina é

produzida desde meados do século passado e vem se destacando na contemporaneidade. Antes disso, a literatura ocidental era historicamente representada “[...] por homens, brancos e da elite social, possuidor de um caráter impregnado por ideologias, excluía qualquer tipo de produção literária que não correspondesse aos modelos propostos pela hegemonia masculina (ROSSINI, 2014, p.3).

Além disso, ao percorrer a linha do tempo da história literária, é evidente que as mulheres conquistaram o direito não apenas de serem personagens fortes em histórias, mas também autoras de suas próprias narrativas. Ao longo do tempo, a literatura deixou de ser uma arena predominantemente masculina, com mulheres agora capazes de escrever e assinar suas obras com seus próprios nomes.

Esse é um marco significativo, estabelecendo uma evolução nas ideias e um progresso na superação das barreiras impostas pelo machismo arraigado em diversas sociedades. Esse avanço não apenas celebra a diversidade de vozes, mas também inspira gerações futuras de mulheres a perseguirem seus talentos literários sem restrições ou limitações baseadas no gênero.

Uma narrativa literária não fornece apenas um reflexo da experiência feminina, mas também se torna um meio pelo qual as mulheres podem reivindicar suas vozes e narrativas. Cabe aqui destacar que “Produzir um corpus de literatura feminista junto com a demanda de recuperação da história das mulheres foi uma das mais poderosas e bem-sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo” (HOOKS, 2019, p.34-35).

A mulher e a literatura formam uma união poderosa, capaz de transcender barreiras e moldar a percepção cultural. Ao longo dos séculos, as mulheres enfrentaram desafios para encontrar espaço e voz no mundo literário, mas sua resiliência e determinação abriram caminho para uma expressão mais plena e diversificada. A literatura, como espelho da sociedade, iniciou uma reflexão sobre experiências femininas, oferecendo uma plataforma para contar histórias que, por muito tempo, foram silenciadas.

Sobre isso, a autora Alves (2010) afirma que:

Nas várias abordagens teóricas, depoimentos, textos poéticos e ficcionais, a escrita da mulher passa a violar este silenciamento[...] [...]a escrita feminina institui uma reflexão a partir da experiência de um estar no mundo diferenciado, indicado pelo gênero ao grafar uma voz desejante, inquietante e que inquieta, e, assim, desloca a imagem e a autoimagem da mulher (ALVES, 2010, p. 184-185).

No âmbito literário, as obras escritas por mulheres não são apenas registros de narrativas individuais; são manifestações de resistência, que desafiam normas e questionam estereótipos. Ao explorar temas relacionados à feminilidade, questões étnico-raciais, igualdade de gênero e empoderamento, a literatura torna-se, assim, um espaço onde as vozes femininas ecoam e ressoam, inspirando não apenas mulheres, mas toda a sociedade, a reexaminar e reconstruir suas visões sobre o papel da mulher.

Ademais, a diversidade de perspectivas proporcionadas pelas autoras, enriquecem o cenário literário, promovem uma compreensão mais completa e complexa da experiência humana. Mulheres de diferentes origens, culturais e sociais trazem nuances únicas às suas narrativas, ampliando o repertório literário global. A literatura feminina não se limita a explorar apenas as questões de gênero; ela também abordou temas universais, como amor, perda, identidade e justiça social, oferecendo uma gama rica de experiências e reflexões.

É notório que essas conquistas e inserção das mulheres na literatura tem sido galgado por muitas gerações e culturas. Cabe aqui mencionar as autoras Jane Austen, Emily Brontë e Mary Shelley na literatura inglesa; e Toni Morrison, escritora estadunidense. Na literatura brasileira têm-se as escritoras: Maria Firmina dos Reis, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Carolina Maria de Jesus, Lygia Fagundes Telles, Lygia Bojunga, Djamila Ribeiro, Adélia Prado, Conceição Evaristo, Hilda Hilst e Cora Coralina, entre outras. Essas mulheres são exemplos de escritoras “que não deixaram de escrever mesmo diante das opressões, e deram voz feminina ao discurso literário abrindo caminho para tantas outras” (ANDRADE, 2020, p.5-6).

No entanto, apesar dos avanços, os desafios persistem. Ainda há uma necessidade crucial de ampliar o reconhecimento e a visibilidade das mulheres na literatura, especialmente em áreas onde sua presença é sub-representada. Iniciativas que promovem igualdade de oportunidades para escritoras, críticas literárias e personagens femininas são fundamentais para construir um cenário mais inclusivo. Portanto, a mulher na literatura não é apenas uma figura, mas uma força dinâmica, moldando e sendo moldada pela linguagem que escolhe.

4.0 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA TRABALHAR A LITERATURA FEMININA EM SALA DE AULA

Como forma de promoção do letramento literário, do empoderamento feminino e da igualdade de gênero, propõe-se aqui uma sequência didática através da leitura literária de uma variedade de autoras, incluindo mulheres de diferentes origens: culturais e geográficas. A referida sequência didática (SD) será dividida em 5 encontros, com duração de 5h/aulas cada encontro.

No primeiro encontro (Tabela 1), como forma de promover a reflexão dos alunos sobre o papel da mulher no passado e na contemporaneidade, será reproduzida a música “Ai que saudades de Amélia”, de composição de Mário Lago ((1942) e eternizada na voz do cantor Roberto Carlos. Depois de escutarem a música, a professora perguntará a impressão deles sobre a canção, em seguida fará as seguintes perguntas: 1-Você já tinha ouvido falar na expressão “Amélia, mulher de verdade”? Explique. 2- Em sua opinião existe uma “mulher perfeita”? 3-Em sua opinião qual o lugar e/ou papel da mulher na sociedade contemporânea? Depois que os alunos responderem os questionamentos, a professora explicará o contexto em que foi criado a referida música. Em seguida pedirá que os alunos pesquisem sobre o papel da mulher na década de 1940 no Brasil e no mundo.

Tabela 1: Primeiro encontro

PRIMEIRO ENCONTRO
<p>Duração: 5 aulas (45 minutos cada)</p> <p>Turma: 2º ano/ Ensino médio</p> <p>Tema: Desconstruindo estereótipos sobre a figura feminina.</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Discutir sobre o papel da mulher no passado e nos dias atuais.• Propiciar aos alunos a reflexão sobre o machismo e formas de combatê-lo.• Promover momentos de leitura de textos literários para discutir as questões de gêneros.• Reafirmar a importância da leitura de obras de autoria feminina para a promoção da igualdade/ equidade de gênero na Literatura. <p>Elementos textuais: Poema “Receita de Mulher” (Vinícius de Moraes); Quadrinhos “O que você quer ser quando crescer”, década a década (2003) de Maitena Burundarena;</p> <p>Música: Ai Que Saudades da Amélia (Roberto Carlos).</p>

Fonte: elaborado pela autoras, 2023.

De posse destas informações a docente levará para os alunos o texto literário poema, o poema “Receita de Mulher” (1959) de Vinícius de Moraes. O poema discute a questão do padrão de beleza imposto às mulheres; observa-se isso, já no início do poema: “as muito feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”. Depois da leitura do poema, o professor perguntará a interpretação dos alunos, discutindo a questão dos padrões de beleza imposta à mulher pela sociedade machista, principalmente através da mídia.

Em seguida, o docente relacionará a música “Ai que saudade de Amélia” com este poema de Vinícius, buscando mostrar para os alunos que mais uma vez a mulher ficou reduzida ao seu corpo, no que se refere à sensualidade, mediante a beleza imposta pela sociedade; e a questão de ter que ser “perfeita”, ou seja, servindo apenas para casar, procriar e ser dona de casa.

Para que os discentes possam refletir sobre a evolução do papel da mulher na sociedade mundial, será mostrado o quadrinho “O que você quer ser quando crescer”, década a década (2003) da cartunista e chargista Maitena Burundarena (Fig. 1). A docente mostrará para os alunos que nas últimas décadas a mulher entrou no mercado de trabalho, conquistou direitos que antes só era permitido ao homem; contudo, ainda tem muita luta a enfrentar, para se alcançar uma maior igualdade de gênero.

Figura 1: “O que você quer ser quando crescer”, década a década.



Fonte: Maitena Burundarena (*Mulheres Alteradas 1*, p. 75).

No segundo encontro (Tabela 2) da SD, primeiramente será realizada uma aula expositiva e discursiva sobre o tema gerador: “A mulher, a submissão, patriarcado, o machismo e o trabalho invisível das mulheres brasileiras”. Em seguida, o professor entregará cópias do conto de fadas “Rapunzel” para realização da leitura compartilhada. Os alunos serão indagados através dos seguintes questionamentos: Já conheciam a história presente nesse conto? Como a mulher é representada na história desse conto? Já tinham realizado essa leitura quando eram crianças? Caso tenham lido, se tiveram a mesma impressão da história realizando a leitura desse conto agora como adolescentes?

Tabela 2: segundo encontro

SEGUNDO ENCONTRO
<p>Duração: 5 aulas (45 minutos cada)</p> <p>Turma: 2º ano/Ensino médio</p> <p>Tema: A mulher, a submissão, patriarcado e o machismo; O trabalho invisível das mulheres brasileiras.</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Perceber as questões de gênero no contexto do casamento e os motivos de muitas mulheres serem submissas ao marido.• Refletir sobre as condições das mulheres que são “donas de casa” e sobre o trabalho invisível das mulheres brasileiras.• Discutir sobre as violências sofridas pelas mulheres brasileiras.• Compreender os elementos da narrativa.• Compreender as características do gênero literário conto.• Compreender os conceitos de conto de fadas e contos de fadas modernos. <p>Elementos textuais: A leitura do conto de fadas “Rapunzel”, dos irmãos Grimm; o conto “Plano matrimonial”, de Marina Colasanti (2010) e conto de fadas moderno “Moça de Tecelã”, de Marina Colasanti.</p> <p>Vídeos: Filme “Cinderela”, direção de Kenneth Branagh, 2015.</p>

Fonte: elaborado pela autoras, 2023.

Em seguida, os alunos farão a leitura do conto moderno “A Moça de Tecelã” (2004), de Marina Colasanti. Depois disso, será feita a discussão da referida obra com toda turma, falando os pontos que mais chamaram a atenção e deverão correlacionar com o conto de fadas “Rapunzel”. Os alunos serão indagados também através dos seguintes questionamentos: Como a mulher e o homem são representados nas duas histórias? A mulher precisa de um homem para salvá-la, como ocorre no conto de fadas “Rapunzel”? Sobre a obra “A moça de Tecelã, quais violências podem ser observadas na história? Existe alguma intertextualidade ou semelhanças entre essas duas histórias? Esses comportamentos dos homens e das mulheres nas duas histórias ocorrem na vida real? Explique.

Sobre o conto “A moça de Tecelã” na sala de aula, Ferreira (2014, p.3) afirma que “apresenta a possibilidade de leitura através da perspectiva da crítica feminista, pois apresenta temáticas referentes à opressão da mulher pelo homem, exploração do seu trabalho, ao casamento, com a proposta de reversão do papel inicial de subordinação”.

Para melhor discussão sobre a temática será exibido o filme “Cinderela” (2015), direção de Kenneth Branagh, e depois a leitura do conto “Plano matrimonial”, de Marina Colasanti (2010). Para discussão sobre as temáticas “casamento, violência doméstica, machismo, Lei Maria da Penha e o empoderamento feminino”. Em seguida, os alunos serão indagados através dos seguintes questionamentos: A mulher precisa do casamento para ser feliz? Todos os relacionamentos amorosos tem um “final feliz” como ocorre em “Cinderela”? Por que muitas mulheres não conseguem romper o “quadro” de violência doméstica? Por que existe tanto feminicídio no Brasil? O que pode ser feito para diminuir as taxas de feminicídio no Brasil e a violências contra a mulher?

Observa-se que essas discussões irão auxiliar os alunos e alunas a romperem com o machismo e se unirem a favor da igualdade de gênero e cultura de paz. “Desse modo, é relevante a abordagem e reflexão sobre o tema em sala de aula, considerando o papel de conscientização e educação da escola e o poder de transformação social que o professor detém” (FERREIRA, 2014, p.3)

No terceiro encontro (Tabela 3), terá como tema “A mulher em diferentes culturas”. A professora realizará um debate sobre “A mulher nas diferentes culturas”, enfatizando como a religião, entre elas a islâmica, retrata a mulher. Para isso o professor fará uma aula expositiva e discursiva através de slides. Nos slides também terá fotos de exemplos de mulheres de diferentes culturas, entre elas Malala Yousafzai. Em seguida, o professor perguntará aos alunos se eles conhecem a história de vida Malala Yousafzai. Mesmo que alguns alunos conheçam, o docente pedirá para a aula seguinte que os alunos pesquisem de forma resumida a biografia de Malala Yousafzai para ser discutida na aula seguinte. Na próxima aula, os alunos apresentarão suas pesquisas. Em seguida, o docente explicará o gênero autobiografia.

Tabela 3: terceiro encontro

TERCEIRO ENCONTRO
<p>Duração: 5 aulas (45 minutos cada)</p> <p>Turma: 2º ano/Ensino médio</p> <p>Tema: A mulher em diferentes culturas.</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Refletir sobre o papel da mulher em diferentes culturas, especificamente, a cultura em países da religião muçulmana.• Compreender as características do gênero autobiografia.• Discutir os aspectos literários presentes na obra “Eu sou Malala”.• Utilizar os conhecimentos prévios apreendidos em outras disciplinas para compreensão da leitura literária dos livros sobre Malala Yousafzai. <p>Elementos textuais: Leitura do livro “Eu sou Malala- A história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã”, de Malala Yousafzai e Christina Lamb; leitura da obra “Malala – a menina que queria ir para escola”, de Adriana Carranca.</p>

Fonte: elaborado pela autoras, 2023.

Posteriormente, o docente pedirá que os alunos façam em casa a leitura do livro “Eu sou Malala- A história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã”, de Malala Yousafzai e Christina Lamb. Os alunos terão que fazer um diário de leitura da obra (eles terão 15 dias para fazer essa leitura). Depois de realizada a leitura, deverão dizer o que acharam da obra, os aspectos narrativos da obra, entre outros pontos que considerarem interessantes.

Sobre a obra de Malala e o gênero autobiografia na sala de aula, a autora Silva (2021) afirma que:

“Eu sou Malala” é escrito em primeira pessoa, como normalmente são escritos os diários, livros de memórias ou autobiografias. Entretanto, como não registra os eventos com data e regularidade, não se trata de um diário. E a narrativa também não tem a liberdade ficcional que caracteriza as memórias. A preocupação com a veracidade faz deste livro uma autobiografia. Esse tipo de narrativa é interessante para os jovens, porque lhes dá acesso à “voz” do narrador: no caso, uma adolescente – hoje, uma jovem – que antes de completar quinze anos foi baleada na cabeça por terroristas do grupo Talibã, apenas por defender o direito das meninas de frequentarem a escola. Ler alguém narrando em primeira pessoa eventos tão dramáticos dá ao leitor a chance de compartilhar emoções com a narradora-protagonista (SILVA, 2021, p.8).

Na aula seguinte, o professor pedirá que os discentes realizem a leitura compartilhada de “Malala – a menina que queria ir para escola”, de Adriana Carranca.

Depois disso, eles serão indagados sobre o que acharam das duas obras e quais as semelhanças e diferenças encontradas, tendo em vista que a história das duas obras é a mesma, mas o formato da obra é diferente. Além disso, deverão relacionar a leitura com o tema central do terceiro encontro, discutindo como a mulher é vista nos países de cultura islâmica, especificamente no Paquistão que é o país de origem de Malala.

Será discutido também as diferenças existentes entre a cultura do Paquistão e do Brasil. Além da questão da mulher, serão discutidos os direitos das crianças e adolescentes e as violências sofridas por crianças e adolescentes no Brasil e pelo mundo afora. Logo, “a leitura de *Eu sou Malala* possibilita um diálogo com realidades de inúmeros países que vivem situações de opressão” (SILVA, 2021, p.8).

No quarto encontro (Tabela 4), será discutido o feminino e as questões étnico-raciais. Assim, o tema desse encontro será “Os desafios e o racismo enfrentados pelas mulheres negras”. No primeiro momento será realizado uma aula expositiva e discursiva sobre a importância da cultura afro-brasileira, sobre o racismo no Brasil e no mundo e como racismo repercute nos desafios enfrentados pela mulher negra. Em seguida, será elencado a importância da representação negra na literatura e a importância da leitura de obras de autorias de mulheres negras para o empoderamento, valorização, identidade e representatividade da mulher negra.

Tabela 4: Quarto encontro.

QUARTO ENCONTRO
<p>Duração: 5 aulas (45 minutos cada)</p> <p>Turma: 2º ano/Ensino médio</p> <p>Tema: Os desafios enfrentados pela mulher negra.</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Discutir sobre as violências sofridas por mulheres negras.• Analisar os motivos do racismo enfrentados pelas mulheres afro-brasileiras e as mulheres afro-americanas.• Discutir a temática “cultura do estupro e o racismo”.• Reafirmar a importância da leitura de obras de autorias de mulheres negras para o empoderamento, valorização, identidade e representatividade da mulher negra.• Verificar a biografia das escritoras Cristiane Sobral, Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie.• Averiguar como os contos das referidas autoras rompem com o padrão hegemônico e eurocêntrico de representação da criança negra.• Verificar como a história da infância dessas autoras serviram como “pano de fundo” para construção das personagens crianças e mulheres negras nos contos das referidas autoras.• Analisar o empoderamento feminino das personagens negras nos contos escolhidos.

QUARTO ENCONTRO

Elementos textuais: Leitura dos contos “Pixaim”, de Cristiane Sobral, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, de Conceição Evaristo e “No seu Pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie.

Música: “Dona de Mim”, da cantora Isa.

Fonte: elaborado pela autoras, 2023.

Em seguida, será pedido que os alunos pesquisem a biografia das escritoras brasileiras Cristiane Sobral e Conceição Evaristo e da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Posteriormente, serão realizadas as leituras de contos das referidas autoras. Os contos escolhidos são: “Pixaim”, de Cristiane Sobral, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, de Conceição Evaristo e “No seu Pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie. O conto, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, de Conceição Evaristo, retrata as violências sofridas e a identidade da mulher negra. O conto “Pixaim”, de Cristiane Sobral, discute a questão da formação de identidade de uma menina negra, a qual todos querem alisar seu cabelo. O conto “No seu pescoço” será discutido a questão das violências e “cultura do estupro” sofridas pela mulher negra.

Em seguida, a turma será dividida em três grupos para realizarem a leitura dos contos, na qual cada grupo ficará com um conto das referidas autoras. Cada grupo terá que apresentar o que entendeu do conto e sua relação com a biografia da autora do conto lido. Os alunos deverão explicar como os contos das referidas autoras rompem com o padrão hegemônico e eurocêntrico da mulher negra e quais os temas são abordados nos contos. Em seguida, os alunos ouvirão a música “Dona de Mim”, da cantora Isa e deverão correlacionar com os contos lidos e analisar o empoderamento feminino das personagens negras nos contos e na referida música.

Além das questões do feminino e empoderamento da mulher negra a partir da literatura, observa-se a importância de trabalhar autoras ou autores negros também para implementação das questões étnico-raciais na escola. Assim sendo, “a prática de leitura literária feminina negro-brasileira na sala de aula pode ser uma ferramenta para ajudar aplicação da Lei 10.639/03 nas aulas de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, romper o silêncio escolar acerca das relações étnicas” (SILVA e BASSANI, 2023, p.11). Além disso, contribui para o letramento literário promovendo a formação do leitor autônomo e crítico.

Para finalização da proposta pedagógica, o professor irá para o quinto encontro (Tabela 5). No primeiro momento, o professor entregará cópias da crônica “As boazinhas que me perdoem” (2001), da escritora Martha Medeiros. Após a leitura da

crônica, o professor fará os seguintes questionamentos: 1- O que a autora quis dizer com “as boazinhas que me perdoem”? 2- Você acha que a mulher pode ter qualquer profissão?

Tabela 5: Quinto encontro

QUINTO ENCONTRO
Duração: 5 aulas (45 minutos cada)
Turma: 2ª ano/Ensino médio
Tema: Os obstáculos enfrentados pelas mulheres para serem inseridas na área de Ciências e em outras profissões que a sociedade machista afirma ser “apenas de homens”
Objetivos: <ul style="list-style-type: none">• Perceber os desafios enfrentados pelas mulheres para serem aceitas no mundo das Ciências e em outras profissões que a sociedade machista afirma ser “profissão de homem”.• Promover a sensibilidade nos alunos e alunas sobre o lugar da mulher é onde ela quiser estar.• Compreender as características do gênero crônica.• Aprender a biografia da escritora Martha Medeiros.• Elaborar uma crônica com os temas trabalhados em toda SD.• Elaborar um roteiro teatral com base no filme “Estrelas além do tempo”.
Elementos textuais: Crônica “As boazinhas que me perdoem” de Martha Medeiros. Elaboração e encenação de uma peça teatral.
Filme: Estrelas além do tempo (duração 2h 7 minutos).

Fonte: elaborado pelas autoras, 2023.

Diante disso, o professor pedirá que os alunos realizem uma pesquisa sobre “As contribuições das mulheres para a literatura ao longo da história”. A partir disso, será realizado uma discussão sobre o papel da mulher nas diferentes “profissões” ao longo dos tempos, especificamente sobre a mulher como escritora de textos literários e em profissões que segundo a sociedade machista são “profissões de homens”. Em seguida, os alunos serão instruídos a elaboração de uma crônica sobre o tema “Os desafios e avanços enfrentados pelas mulheres na sociedade brasileira”. Os alunos utilizaram de todos os conhecimentos apreendidos nas aulas anteriores.

Dando continuidade à proposta didática, o professor exibirá o filme “Estrelas além do tempo” (EUA, 2016). O filme é uma adaptação do livro de mesmo nome, que conta a história de três mulheres negras norte-americanas (uma matemática, uma engenheira e uma supervisora de computadores) que enfrentaram grandes dificuldades para realizar um sonho: trabalhar na NASA. A história é baseada em fatos reais e ocorreu na década de 1960, período da guerra fria. Essas três mulheres foram importantes para a conquista espacial estadunidense, e conseqüente fizeram

história por serem mulheres, e, além disso, negras, desafiando assim os preconceitos raciais e de gênero.

Depois da exibição do filme, serão discutidas as temáticas abordadas no filme: a luta das mulheres, diversidade, racismo, ou seja, questões sociais, raciais, históricas e políticas enfrentadas pelas mulheres. A discussão será norteadas pelos seguintes questionamentos: 1-Por que as mulheres brancas e negras no filme são tratadas de formas diferentes? 2-Vocês acham que as mulheres negras atualmente sofrem os mesmos preconceitos e/ou discriminação de décadas atrás? 3- Em sua opinião, a mulher, seja ela negra ou branca, pode ocupar os mesmos espaços que os homens nas Ciências ou em qualquer profissão?

Por fim, com base em todos os conhecimentos adquiridos no decorrer de todos os encontros, o professor sugerirá a produção de uma peça teatral, no qual os alunos se caracterizarão de cientistas, buscando deixar em evidência as descobertas científicas realizadas pelas mulheres e como estas mulheres se comportavam na época; como também a aceitação ou não destas mulheres e suas descobertas; ou uma peça teatral sobre escritoras ou outras profissões “consideradas masculinas”. Fazendo uma discussão/reflexão entre o papel das mulheres em décadas atrás e na atualidade. Para que esta proposta alcance sucesso, o professor desempenha um papel fundamental, orientando os alunos na exploração criativa do teatro como meio de expressão.

Inicialmente, será ministrada uma explicação detalhada sobre a construção de roteiros teatrais, oferecendo aos alunos as ferramentas necessárias para dar vida às suas narrativas. Em um segundo momento, a turma será dividida em grupos, proporcionando a cada equipe a oportunidade de criar uma história para ser encenada.

A execução dessa atividade será enriquecida por oficinas de jogos teatrais conduzidas pelo docente. Essas sessões permitirão que os alunos demonstrem, através da arte da improvisação, as histórias potenciais que poderiam evoluir para um roteiro teatral. A escolha do roteiro teatral mais apreciado será decidida coletivamente pela turma, fortalecendo o senso de participação e comunidade.

De acordo Spolin (2015):

A capacidade de criar uma situação imaginativamente e de fazer um papel é uma experiência maravilhosa, é como uma espécie de descanso do cotidiano que damos ao nosso eu, ou as férias da rotina de todo dia. Observamos que essa liberdade psicológica cria uma condição na qual

a tensão e conflito são dissolvidos, e as potencialidades são liberadas no esforço espontâneo de satisfazer as demandas da situação (SPOLIN, 2015, p. 05).

A etapa seguinte envolverá ensaios no contraturno escolar, onde o professor orientará os alunos na preparação e desenvolvimento da peça teatral escolhida. A criação dos figurinos será uma atividade colaborativa entre os alunos e o professor, incentivando a expressão criativa e a reutilização de materiais disponíveis, seja em suas casas ou por meio de elementos imaginativos.

Quanto à apresentação, a escolha de realizá-la no pátio da escola ou na sala de aula dependerá das preferências e possibilidades logísticas. Optando-se pela sala de aula, o professor poderá organizar a presença de outras turmas para assistir, proporcionando uma interação potencial entre os alunos e ampliando o impacto da experiência teatral.

Essa proposta através do teatro transcende a mera encenação teatral, pois tem um propósito mais amplo: desafiar estereótipos de gênero e empoderar as alunas, mostrando para elas que as mesmas têm o poder de escolher qualquer profissão que quiser exercer; e também tem o objetivo de sensibilizar os alunos sobre a não prática do machismo.

Ademais, a interseção dessa experiência com a leitura literária ampliará ainda mais a compreensão dos alunos sobre as diversas narrativas femininas, inspirando uma apreciação mais profunda e reflexiva das questões de gênero. Essa integração entre teatro e leitura literária é uma ponte para a compreensão mais holística das experiências femininas, construindo um ambiente educacional que promova a diversidade e a igualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a participação ativa das mulheres na produção literária não apenas rompe barreiras, mas também desafia estereótipos e o silenciamento feminino imposto pelo machismo e o patriarcado, contribuindo para a construção de uma visão mais ampla, igualitária e equitativa da sociedade. Ao celebrar e promover a diversidade de vozes femininas na literatura, contribuimos para um mundo onde a expressão criativa é verdadeiramente livre e enriquecedora para todos e todas.

Por sua vez, a discussão de gênero em sala de aula, mediada pela literatura, não apenas fornece um espaço para a análise crítica das representações femininas

e masculinas, mas também promove uma sensibilização para as complexidades das relações interpessoais. Ao vivenciar as histórias de personagens femininas fortes, por exemplo, alunos e alunas podem internalizar valores de respeito e empatia, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Consequentemente, promoverá uma educação libertadora, fomentando a formação de um aluno leitor crítico-reflexivo sobre a sociedade que está inserido.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.

ALVES, M. **A literatura negra feminina no Brasil** - pensando a existência. Revista da ABPN, n.3, v.1, nov.2010-fev. 2011, p. 181-189.

ANDRADE, T. H. S. **O lugar de fala da mulher na literatura: a democratização do discurso feminino**. Anais Educon 2020, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 5, p. 1-16, set. 2020 | <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13781/20/19>

BARBOSA, B. T. **Letramento literário**: sobre a formação escolar do leitor jovem. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n.1, p. 145-167. Marc/ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-06.pdf> acesso em: 27/03/2018.

BARREIRO, A.; MARTINS, F. H. **Bases e fundamentos legais para a discussão de gênero e sexualidade em sala de aula**. Leitura: Teoria e Prática, São Paulo, v.34, n.68, p.93-106, set./dez. 2016.

BARCELOS, V. H. L. SCHULZE, C. M. N. **O texto literário e as representações sociais: uma alternativa metodológica em educação ambiental**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, n. 6, p. 259-268, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25853> acesso em 17/07/2023.

BRAH, A. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/B33FqnVYTPDGwK8SxCPmhy/?format=pdf&lang=pt> acesso em 13/08/2023.

BURUNDARENA, M. **Mulheres Alteradas 1**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CARRANCA, A. **Malala, a menina que queria ir para escola**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CARLOS, R. Ai **Que Saudades da Amélia**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/roberto-carlos/87939/> acesso em: 23/11/2019.

COLASANTI, M. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global Editora. 2004.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Maria do Rosário Imaculada dos Santos**. In: Insubmissas

Lágrimas de Mulheres. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FERREIRA, M. S. N. **Leitura de “a moça tecelã”, de Marina Colassanti**: Uma proposta para a sala de aula. Anais V ENLIJE. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/5975>>. Acesso em: 11/05/2023.

GROSSEL, A. K., & de Souza, M. (2022). **Literatura de autoria feminina como ferramenta de reivindicação social da mulher**. Palimpsesto - Revista Do Programa De

Pós-Graduação Em Letras Da UERJ, 21(38), 396–418. <https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2022.63830>

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MEDEIROS, M. **As boazinhas que me perdoem**. In: Trem-bala. Porto Alegre: L&PM, 2001b.

ROSSINI, T. (2014). **A construção do feminino na literatura:** representando a diferença. *Brasília: Journal for Brazilian Studies*, 3(1), 288-312. Retrieved from <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/16761>. Acesso em: 13/08/2023.

SANTOS, L. TOFALINI, L. A. B. **A construção da figura da mulher na literatura de autoria feminina.** Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_uem_leonicedos-santos.pdf acesso: 10/11/2019.

SILVA, R, P. **A importância da discussão de gênero na escola.** *Revista Perspectiva Geográfica-Campus Marechal Cândido Rondon*, v. 12, nº. 17, jul;-dez., p. 223-229, 2017.

SILVA, et al. **Letramento literário na prática escolar:** desafios e perspectivas. *Anais VII ENID & V ENFOPROF / UEPB...* Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64537>>. Acesso em: 12/09/2023.

SILVA, L. B. **Material digital do professor – Eu sou Malala** / Lenice Bueno da Silva; coordenação de Cristiane Fernandes Tavares; cedac – 1^a ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SILVA, C. F. BASSANI, S. M. M.S. **A literatura negra feminina na sala de aula** [recurso eletrônico] / – 1. ed. - Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2023. 34 p.: il.; 30 cm.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro.** [Tradução e revisão KOUDELA, Ingrid Dormien e Eduardo José de Almeida Amos]. 6a Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SOBRAL, Cristiane. **Pixaim.** In: *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016. p.37-42.

SPIZZIRRI, G. C.M.A. PEREIRA. C.L.M. ABDO. **O termo gênero e suas contextualizações.** *Diagn Tratamento*. 2014;19(1):42-4. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2014/v19n1/a3969.pdf> acesso em 15/09/2023.

ZABALA, A. **A Prática Educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, R. **A escola e a leitura da literatura.** In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M.K. (Org.). Escola e Leitura: velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

YOUSAFZAI, M. LAMB, C. **Eu sou Malala:** a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. São Paulo: Companhia das letras, 2019, 342 p.